

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
CURSO EM LETRAS – PORTUGUÊS**

JANINE CORRÊA MARZARI

**O PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA E O TRABALHO INTERVENTIVO
DIANTE DO ESTUDANTE DISLÉXICO DOS ANOS FINAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL NO BRASIL**

**Jaguarão
2021**

JANINE CORRÊA MARZARI

**O PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA E O TRABALHO INTERVENTIVO
DIANTE DO ESTUDANTE DISLÉXICO DOS ANOS FINAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL NO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras – Português, da Universidade Federal do Pampa/Universidade Aberta do Brasil - Polo São Sepé, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Letras - Português.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Denise Aparecida Moser

**Jaguarão
2021**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

M393p Marzari, Janine Corrêa

O professor de Língua Portuguesa e o trabalho interventivo diante do estudante disléxico dos anos finais do Ensino Fundamental no Brasil / Janine Corrêa Marzari.

23 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)--
Universidade Federal do Pampa, LETRAS PORTUGUÊS, 2021.

"Orientação: Denise Aparecida Moser".

1. Dislexia. 2. Intervenção. 3. Metodologia de ensino. 4. Língua Portuguesa. I. Título.

JANINE CORRÊA MARZARI

**O PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA E O TRABALHO INTERVENTIVO
DIANTE DO ESTUDANTE DISLÉXICO DOS ANOS FINAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL NO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Português UAB da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 15 de dezembro de 2021.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Denise Aparecida Moser
Orientador
UNIPAMPA

Profa. Dra. Cláudia Camerini Corrêa Pérez
UNIPAMPA

Profa. Ma. Vera Lúcia Vargas Kelling
Secretaria Municipal de Educação de Restinga Sêca



Assinado eletronicamente por **CLAUDIA CAMERINI CORREA PEREZ, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 22/12/2021, às 12:09, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Véra Lucia Vargas de Souza Kelling, Usuário Externo**, em 22/12/2021, às 12:43, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **DENISE APARECIDA MOSER, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 22/12/2021, às 19:39, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0701350** e o código CRC **9A324A6E**.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, pois não existiriam forças para percorrer o caminho se Ele não estivesse presente em minha vida, sempre mostrando a rota e o momento certo.

Posteriormente, não poderia deixar de agradecer à minha família que sempre esteve ao meu lado e fez tudo por mim. Obrigada pelo apoio e confiança depositada em mim.

Aos professores da Unipampa e da Universidade Aberta do Brasil, polo São Sepé, muito obrigada, por serem pessoas incríveis e de coração enorme. Agradeço pelo incentivo.

Agradeço de coração a minha orientadora, professora Denise Aparecida Moser, pelas conversas, pelo conhecimento compartilhado e por ser essa pessoa iluminada de fala calma e precisa.

Agradeço aos meus colegas, por deixarem um pouquinho de si a mim. Obrigada pela convivência, pelo aprendizado compartilhado e por fazerem parte da minha história.

Obrigada à Unipampa e à Universidade Aberta do Brasil, polo São Sepé, por tudo.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 09 |
| 2 DISLEXIA E SEU HISTÓRICO..... | 10 |
| 3 DEFINIÇÃO DE DISLEXIA..... | 11 |
| 4 TIPOS DE DISLEXIA..... | 13 |
| 5 CARACTERIZAÇÃO DA DISLEXIA..... | 13 |
| 6 AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA DA DISLEXIA..... | 14 |
| 7 O TRABALHO INTERVENTIVO DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NO BRASIL..... | 16 |
| 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 20 |
| REFERÊNCIAS..... | 21 |

O PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA E O TRABALHO INTERVENTIVO DIANTE DO ESTUDANTE DISLÉXICO DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NO BRASIL

Janine Corrêa Marzari¹

RESUMO

A dislexia é um transtorno de aprendizagem que acomete os processos progressivos da leitura e escrita. O professor, por sua vez, é o grande envolvido no processo de construção do conhecimento e de fornecer estratégias necessárias para aprendizagem dos estudantes disléxicos. Nesse contexto, a presente pesquisa tem por objetivo verificar os desafios que os professores de Língua Portuguesa enfrentam, para intervir diante do estudante disléxico dos anos finais do Ensino Fundamental no Brasil. Como percurso metodológico, recorreu-se à pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, revisitando obras de autores, como Topczewski (2011), Davis (2004) e Varella (2021) e artigos científicos no Google Acadêmico entre 2019 a 2021, a partir do termo “dislexia nos anos finais do Ensino Fundamental”. A literatura revela que nenhum disléxico é igual e identificar cada peculiaridade é essencial para o professor elaborar atividades adequadas. Constatou-se também que o professor tem muitos desafios para realizar o trabalho interventivo com os estudantes disléxicos na e fora da escola. Precisa ser capacitado e ter conhecimento acerca da dislexia, estar amparado por diversas metodologias de ensino, ter apoio dos pais e/ou responsáveis e direção da escola. Espera-se que este trabalho atue como estimulador interventivo para o professor de Língua Portuguesa diante dos estudantes disléxicos dos anos finais do ensino fundamental no cenário brasileiro e contribua para a comunidade acadêmica com os entendimentos mais precisos sobre a natureza das dificuldades apresentadas e as soluções propostas.

Palavras-chave: Dislexia. Intervenção. Metodologia de ensino. Língua Portuguesa.

RESUMEN

La dislexia es un trastorno del aprendizaje que afecta los procesos progresivos de lectura y escritura. El profesor, a su vez, es el gran involucrado en el proceso de construcción del conocimiento y en proporcionar las estrategias necesarias para el aprendizaje de los estudiantes disléxicos. En este contexto, esta investigación tiene como objetivo verificar los desafíos que enfrentan los profesores de lengua portuguesa para intervenir frente al estudiante disléxico de los últimos años de la escuela primaria en Brasil. Como vía metodológica, utilizamos la investigación bibliográfica, de carácter cualitativo, revisitando trabajos de autores como Topczewski (2011), Davis (2004) y Varella (2021) y artículos científicos en Google Scholar entre 2019 y 2021, a partir del término "dislexia en los últimos años de la escuela primaria". La literatura revela que ningún disléxico es igual e identificar cada peculiaridad es esencial para que el profesor elabore las actividades adecuadas.

¹ Acadêmica do curso de Letras - Português da Universidade Federal do Pampa/Universidade Aberta do Brasil, Polo São Sepé, e-mail: janinemarzari.aluno@unipampa.edu.br

También se encontró que el maestro tiene muchos desafíos para realizar el trabajo de intervención con estudiantes disléxicos dentro y fuera de la escuela. Necesita ser entrenado y conocedor sobre la dislexia, ser apoyado por diversas metodologías de enseñanza, contar con el apoyo de los padres y/o tutores y de la dirección de la escuela. Se espera que este trabajo actúe como un estimulador de intervenciones para el profesor de lengua portuguesa ante los estudiantes disléxicos de los últimos años de la escuela primaria en el escenario brasileño y contribuya a la comunidad académica con la comprensión más precisa sobre la naturaleza de las dificultades presentadas y las soluciones propuestas.

Palabras-clave: Dislexia. Intervención. Metodología de enseñanza. Lengua Portuguesa.

1 INTRODUÇÃO

A dislexia é uma dificuldade relacionada à aquisição e ao desenvolvimento da leitura e escrita, que afeta muitos estudantes no processo de aprendizagem e traz inúmeros desafios aos professores (TOPCZEWSKI, 2011). Desafios esses que dependem de vários fatores, dentre eles, boa formação pedagógica, apoio da direção da escola e dos órgãos educacionais, estrutura física adequada, colaboração dos pais e políticas públicas direcionadas aos disléxicos.

Davis (2004) destaca que “[...] o disléxico é um sujeito capaz e criativo. Possui condições de aprendizagem específicas, porém não limitadas.” A diferença no aprendizado está nas estratégias de treinamento para o desenvolvimento da leitura e da escrita. Não tem relação com distúrbios psicológicos, portanto, não afeta o desenvolvimento intelectual e a capacidade comunicativa. E a escola, sendo um dos principais ambientes de desenvolvimento cognitivo, também deve criar estratégias para a aprendizagem e adaptação do estudante que apresenta dislexia. O professor deve compreender o tempo e definir qual metodologia de ensino melhor se enquadra para o êxito desse estudante.

Nesse contexto, o presente estudo visa analisar o trabalho interventivo do professor de língua portuguesa diante dos estudantes disléxicos dos anos finais do ensino fundamental no cenário brasileiro, para tentar responder a seguinte inquietação: quais os desafios que os professores de língua portuguesa que trabalham com esse público enfrentam para intervir em sua prática pedagógica, visando atingir os objetivos propostos? De antemão, acredita-se que muitos professores ainda questionam a educação inclusiva e demonstram um bloqueio em elaborar planos de ensino e planos de aula específicos para trabalharem com estudantes que apresentam dislexia.

Para atingir o objetivo traçado, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, consultando autores, como Davis (2004), Pereira (2015), Muszkat e Rizzutti

(2012), Varella (2021), e pesquisadores que publicaram artigos científicos em periódicos especializados, entre os anos 2019 a 2021, localizando-os no Google Acadêmico, através das palavras-chave: “dislexia nos anos finais do ensino fundamental, e metodologia didática interventiva que busque ensinar o estudante disléxico”.

E qual o motivo e a relevância desta pesquisa? A motivação se deu por questões pedagógicas e pessoais. A motivação pedagógica, devido à busca de conhecimentos e metodologias de ensino voltadas ao ensino de português que pudessem intervir no aprendizado dos futuros estudantes disléxicos desta pesquisadora. Afinal, a postura adotada pelo professor, em sala de aula, pode ter um papel determinante no rumo que o estudante percorrerá. A motivação pessoal, por sua vez, foi por causa da filha desta pesquisadora que foi diagnosticada como disléxica quando estava se alfabetizando na escola. Esta recebeu grande apoio da família e do ambiente escolar, aprendendo desde cedo a lidar com êxito nas suas dificuldades de leitura, escrita e oralidade.

A seguir, apresenta-se a estrutura do trabalho. Inicialmente identifica-se a dislexia e seu histórico, posteriormente, expõem-se a definição, os tipos, as características e o diagnóstico desse Transtorno Específico da Aprendizagem (TEA). Vale ressaltar que no Brasil o diagnóstico é feito por equipe multidisciplinar, que garante uma avaliação integral. Em seguida, elenca-se o trabalho interventivo do Professor de Língua Portuguesa dos anos finais do ensino fundamental no Brasil, com algumas possibilidades de intervenção, que podem contribuir para a melhoria da aprendizagem do estudante disléxico. Por último, as considerações finais são contempladas, seguidas das referências.

2 DISLEXIA E SEU HISTÓRICO

No início do século XIX, se chamava Afasia às manifestações de dificuldades no controle da leitura e da escrita. O termo Afasia significa diminuição ou perda da capacidade para usar ou compreender palavras devido a uma lesão cerebral. Os oftalmologistas foram os primeiros profissionais que se interessaram pelo problema, sendo a expressão dislexia criada pelo oftalmologista Rudolph Berlin, em 1887, após observar que um dos seus pacientes apresentava dificuldade de leitura. O oftalmologista usou o termo dislexia para caracterizar um jovem paciente que apresentava grande dificuldade no aprendizado da leitura e escrita ao mesmo tempo em que apresentava habilidades intelectuais normais em todos os outros aspectos (PEREIRA, 2015).

A definição da palavra dislexia, de acordo com Luczinski (2002, p. 34) vem do grego e do latim: *dis*, de distúrbio, vem do latim, e *lexia*, do grego, significa linguagem. Assim dizendo, dislexia é uma definição neurológica que apresenta como consequência dificuldades na leitura e na escrita.

Em 1896, foi registrado o primeiro caso com as características da dislexia. Um menino de 14 anos que não conseguia, mesmo com acompanhamento especial, aprender a ler. O caso foi chamado de Cegueira Verbal, termo utilizado para denominar as crianças que não conseguiam realizar as leituras (PEREIRA, 2015).

Na década de 30, a dislexia era vista como obstáculo de habilidades, devido a uma lesão cerebral. A partir dos anos 60, a dislexia começou a dar compreensão de ser característica dos indivíduos com dificuldades de aprendizagem de regra linguística. Desse período em diante, as mais diversas áreas de estudos começaram a mostrar interesses em descobrir as causas e detalhes do distúrbio (Alves *et al.*, 2013). A dislexia passa a ser encarada como uma dificuldade e não uma aprendizagem impossível. Começa a revelar as possíveis habilidades do estudante disléxico.

A escrita faz parte da história da dislexia. Segundo Muszkat e Rizzutti (2012), a escrita com o passar do tempo evoluiu de forma lenta, iniciando pelas figuras e símbolos, e foi se modificando conforme a evolução do cérebro humano.

Como objetivo, esclarecer e divulgar os conhecimentos sobre dislexia, em 1983, foi criada no Brasil, a Associação Brasileira de Dislexia. Segundo a Associação Brasileira de Dislexia (2021), aproximadamente 15% da população brasileira sofre desse transtorno. Os sintomas dependem muito da idade, e os primeiros sinais são melhores identificados em sala de aula, com a troca de informações entre pais e professor. Com o diagnóstico adequado, o disléxico terá 80% de melhora na leitura e escrita.

3 DEFINIÇÃO DA DISLEXIA

O disléxico é inteligente, bem-dotado mesmo em certos domínios, mas não chega a estruturar corretamente aquela leitura da qual depende todo o seu progresso escolar, sendo acusado de preguiçoso. Faz tudo para corrigir-se, com muito esforço, alcançando uma leitura aproximativa sempre cheia de erros. (CARACIKI, 1994, p. 3).

A dislexia é considerada um Transtorno Específico da Aprendizagem (TEA) e se apresenta de várias intensidades de dificuldades nas diferentes formas de linguagem. É um

transtorno genético e hereditário da linguagem, que dificulta a aquisição da capacidade de aprender a ler e escrever (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA, 2016).

Segundo a Associação Brasileira de Dislexia (2016, s. p.), a dislexia “[...] é um dos muitos distúrbios de aprendizagem caracterizados pela dificuldade de decodificação das palavras simples, mostrando uma insuficiência no processo fonológico.” Por esse motivo, ao começar a pronunciar as suas primeiras palavras, a criança com esse transtorno costuma trocar letras, e após a alfabetização, apresenta dificuldades em associar o fonema à letra.

Varella (2021, p. 1) cita o fator genético e hereditário da dislexia e traz a seguinte definição:

Dislexia é um transtorno genético e hereditário da linguagem, de origem neurobiológica, que se caracteriza pela dificuldade de decodificar o estímulo escrito ou o símbolo gráfico. A dislexia compromete a capacidade de aprender a ler e escrever com correção e fluência e de compreender um texto. Em diferentes graus, os portadores desse defeito congênito não conseguem estabelecer a memória fonêmica, isto é, associar os fonemas às letras.

Catts e Kahmi (1999, p. 31) destacam que a dificuldade no processamento fonológico é a principal característica da dislexia. Tal dificuldade é responsável pela falha na decodificação das letras e sons, ocorrendo falha na leitura e escrita, interferindo no desempenho escolar do estudante disléxico.

Segundo Capovilla e Capovilla (2002, p. 241-247), “[...] a dislexia diz respeito a dificuldades atípicas encontradas na leitura de palavras.” Está presente em crianças e em adultos. Em crianças, ela surge durante o desenvolvimento das capacidades da leitura, chamada de Dislexia do Desenvolvimento; em adultos, surge vagarosamente em consequência de danos cerebrais, denominada Dislexia Adquirida ou Alexia.

A Organização Mundial de Saúde (2012) *apud* Muszkat e Rizzutti (2012) define a dislexia como um distúrbio na aprendizagem, que está especificamente ligada à leitura, escrita e soletração. Não a indica como déficit de inteligência ou outros tipos de problemas sensoriais, sociais ou emocionais, visual ou auditivo.

O termo dificuldade da fala, segundo Fonseca (2011, p. 36), em relação ao comportamento, diz que a dislexia se diferencia por apresentar dificuldades no reconhecimento adequado e correto das palavras e na capacidade de compreendê-las. A falta de habilidade no nível fonológico é constantemente mencionada na maioria das

definições do transtorno, bem como a dificuldade no reconhecimento de vocabulário. Fatores como inteligência e socioeconômicos não são mencionados como avaliativos.

4 TIPOS DE DISLEXIA

Entender os tipos de dislexia é um caminho recomendável para o tratamento. A dislexia pode ser classificada de várias formas, as quais poderão atingir a escrita, a leitura, a ortografia e a audição.

Os tipos de dislexia mais comuns, de acordo com Fonseca (1995, p. 332), são:

- **Dislexia Auditiva ou Disfonética:** esse tipo de dislexia ocorre devido à carência de percepção dos sons. Ocorre a troca de fonemas – sons, grafemas – letras, diferentes, apresentam grande dificuldade em soletrar as palavras e dificuldade em diferenciar letras e palavras com sons semelhantes.
- **Dislexia Visual ou Diseidética:** esse tipo de dislexia dificulta a percepção visual, erros de leitura devido à má visualização das palavras, por exemplo, trocar /b/ por /d/. Dificuldades de diferenciar os lados direito e esquerdo também podem estar presentes na dislexia visual. Na escrita, podem aparecer sinais como escritas com letras de tamanhos diferentes, omissões de letras, inversões, tendo rasuras e emendas frequentemente.
- **Dislexia Mista ou Visuo Auditiva:** a dislexia mista é a presença de mais de um tipo de dislexia, provocando grandes dificuldades para a leitura, a análise fonética das palavras, percepção das letras e palavras completas passam despercebidas devido às dificuldades.

Com relação à leitura, a dislexia se apresenta de três formas, conforme descreve Moojen (2011):

- **Dislexia fonológica**, também chamada **sublexical** ou **disfonética**: afeta o processo cognitivo na conversão grafema/fonema e apresenta dificuldades na leitura de palavras não familiares;
- **Dislexia lexical** ou **de superfície**: manifesta-se de moderado a severo o processo de reconhecimento da palavra com o uso da rota lexical. Os disléxicos fazem uso da rota indireta (fonológica), por isso são indivíduos que leem lentamente, cometem erros ortográficos e quando leem rapidamente substituem letras ou palavras;
- **Dislexia mista**, relacionada a problemas em ambas as rotas (fonológica e lexical).

5 CARACTERÍSTICAS DA DISLEXIA

Os disléxicos podem apresentar algumas ou várias das seguintes características, conforme Quadro 1:

Quadro 1 - Características da dislexia

| Na expressão oral | Na leitura/escrita |
|--|--|
| Têm dificuldades na comunicação, tanto oral como escrita. | Leem palavra por palavra ou soletram as letras. |
| Demonstram pobreza de vocabulário. | Movimentam os lábios durante a leitura silenciosa. |
| Formulam frases simples e curtas e têm dificuldade na formulação das ideias. | Perdem a linha durante a leitura. |
| | Manifestam problemas na interpretação e compreensão de textos. |
| | Invertem, confundem, substituem letras, sílabas e palavras. |
| | Demonstram acentuadas dificuldades em elaborar textos espontâneos. |

Fonte: Adaptada de Nielsen (1999); Torres; Fernández (2001); Cruz (2009); Moura (2011)

Várias dessas características dos estudantes disléxicos podem ser observadas no dia a dia escolar. Os sintomas se manifestam em diferentes graus, variando de leve a severo. Uma característica de forma isolada não é sinal de dislexia. O transtorno deve ser identificado não para rotular o estudante, e sim, para fazer uso da melhor intervenção pedagógica. Não há cura para a dislexia. O recomendado é que o estudante tenha acompanhamento multidisciplinar (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA, 2012).

6 AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA DA DISLEXIA

No Brasil, a avaliação diagnóstica é feita por uma equipe multiprofissional, composta por diferentes profissionais, como: professor, médico, fonoaudiólogo, psicólogo e psicopedagogo. Essa união garante uma avaliação integral, pois cada profissional contribui com seu olhar específico, de sua área de conhecimento (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA, 2012).

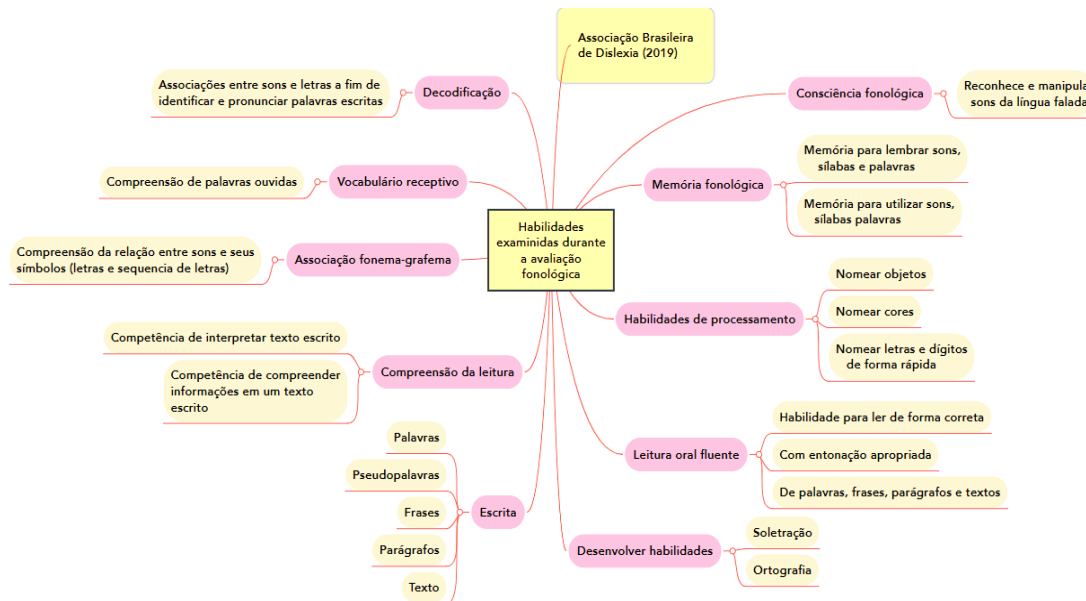
Segundo Capovilla (2002), houve no Brasil uma adaptação para o International Dyslexia Test (Teste de Dislexia internacional) para o português, trazendo algumas formas

de avaliação em várias habilidades, tais como: escrita, leitura, matemática, e alguns processos fonoaudiólogos, auditivo, visual, dificuldades motoras e de raciocínio, mostrando que há alterações nesses processos que interferem no ensino-aprendizagem. É preciso identificar os problemas referentes à leitura levando em consideração:

[...] é o conhecimento do alfabeto, consciência fonológica, memória de trabalho, velocidade de acesso à informação fonológica, atenção visual, leitura de palavras e não palavras e compreensão de frases a partir de figuras apresentadas. (CAPELLINI *et al.*, 2009, p. 367).

A dislexia é resultado de um déficit no processamento fonológico. Partindo desse princípio, as seguintes habilidades são examinadas durante a avaliação, conforme Figura 1.

Figura 1 - Habilidades avaliativas para diagnosticar a dislexia



Fonte: Adaptada de Associação Brasileira de Dislexia (2018)

Para se chegar a uma avaliação diagnóstica de dislexia, é preciso examinar habilidades estritamente particulares de cada estudante, descartando a presença de possíveis deficiências visuais e auditivas, déficit de atenção, problemas emocionais, psicológicos e socioeconômicos que possam interferir na aprendizagem. Além disso, necessita-se averiguar os níveis de inteligência, a atenção e a memória. Uma avaliação

cuidadosa é o ponto de partida para o início do processo interventivo adequado (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA, 2018).

Embora fique mais visível na época da alfabetização, tal transtorno pode já estar presente desde muito cedo na vida do estudante (CATTS *et al.*, 2011). É importante prestar atenção aos sinais e dificuldades do estudante. Geralmente os pais são os primeiros a observar que certos sinais não estão seguindo o padrão natural de acordo com a idade escolar do estudante.

Os estudantes com dislexia apresentam dificuldades em guardar e recuperar nomes, palavras, objetos e/ou sequências ou fatos passados. Não conseguem orientar-se no espaço, apresentando dificuldade de distinguir a direita da esquerda. Os disléxicos ainda apresentam grande dificuldade nas disciplinas de História (em função de datas e textos muito longos), em Geografia, no aprendizado das coordenadas e em Geometria nas relações espaciais. A aprendizagem de uma segunda língua requer atenção redobrada para superar as dificuldades (CONDEMARIN, 1986). Diante desses diagnósticos, estudantes com dificuldade necessitam de amparo e encorajamento diferenciado para o seu aprendizado, pois a insegurança e baixa autoestima costuma dominar diante das diversas dificuldades enfrentadas. A motivação é provavelmente o fator mais importante, a fim de melhorar a aprendizagem.

7 O TRABALHO INTERVENTIVO DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NO BRASIL

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (BRASIL, 1996), documento que norteia a educação, no seu artigo 4º, inciso III, rege que se o estudante for diagnosticado com alguma dificuldade de aprendizagem e tem necessidade de acompanhamento, como a dislexia, por exemplo, este tem direito a apoio especializado oferecido pela escola:

Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:
 III - atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino; (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013). (BRASIL, 1996, s. p.).

E ainda prevê:

Art.12 - Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e os do seu sistema de ensino, terão a incumbência de:

V - Prover meios para a recuperação para os alunos de menor rendimento;

Art.13 - Os docentes incumbir-se-ão de:

III - Zelar pela aprendizagem dos alunos;

IV - Estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento.

(BRASIL, 1996, s. p.).

O professor, ao encontrar um estudante disléxico, deve saber que “[...] a dislexia não aparece isolada, ela surge integrada numa constelação de problemas que justificam uma deficiente manipulação do comportamento simbólico que trata de uma aquisição exclusivamente humana.” (FONSECA, 1995, p. 345). Além de não conseguir compreender o que lê, o estudante disléxico tem a escrita comprometida, podendo afetar ainda o cálculo, a linguagem oral, a memória e integração social.

O diálogo entre Neurociência e Educação tem disponibilizado um conhecimento que serve de ferramenta para o professor repensar em sua prática pedagógica, considerando a maneira de como o cérebro aprende, provocando desafios de aprendizagens e dando subsídio para lidar com as dificuldades e transtornos (TALOCHA, 2014).

Vale ressaltar que o professor não precisa ser um especialista na área. No entanto, é de suma importância que esse assunto não seja ignorado por ele, pois “[...] o desconhecimento e a falta de preparo por parte dos profissionais é o maior obstáculo para a criança disléxica.” (TOPCZEWSKI, 2011, p. 31).

As dificuldades escolares aparecem ao longo do processo de aprendizagem. As dificuldades na escrita e na leitura têm sido reconhecidas como um dos fatores que interferem no aprendizado. As crianças com dislexia recusam-se a realizar atividades ligadas à leitura e à escrita com medo de revelarem os “erros” que cometem. O nível de leitura é abaixo do esperado para a escolaridade (ALMEIDA, 2010).

As habilidades necessárias para a leitura e escrita são possíveis de serem alcançadas a partir da realização do trabalho adequado. É importante notar que os estudantes possuem outras facilidades e habilidades para aprender. A prática da oralidade é comumente utilizada na mediação das provas e testes com os estudantes disléxicos.

De acordo com Drouet (2006, p. 8), “[...] a aprendizagem é gradual, isto é, vamos aprendendo pouco a pouco, durante toda nossa vida.” Portanto, ela é um processo constante, contínuo, em que cada um aprende em seu ritmo próprio, e as diferenças individuais levam alguns indivíduos a serem mais lentos do que outros.

O estudante disléxico precisa de um profissional que o ensine a aprender. Segundo a Associação Brasileira de Dislexia (2017), este é um distúrbio de maior incidência nas

salas de aula e atinge entre 5% e 17% da população mundial. É muito comum adolescente chegar ao final do Ensino Médio com falta de empenho, desmotivação e problemas emocionais, por causa da intervenção tardia.

Para facilitar a vida do estudante com dislexia, o professor deve trabalhar os assuntos em forma de tópicos, com frases curtas e objetivas, para evitar confusão e facilitar na hora da leitura e interpretação. Textos longos confundem o disléxico. O ideal seria que toda a avaliação do disléxico fosse oral, em forma de conversa, pois absorve o conteúdo na escuta da voz (ROTTA; PEDROSO, 2006, p. 151-164).

Para melhor interação, o professor deve possibilitar que o estudante faça uso da tecnologia: gravadores, tablete com aplicativo como o corretor de texto, celular para fotografar o conteúdo, por exemplo. O uso das tecnologias pode ajudar o estudante a superar as dificuldades da leitura e escrita, desde que seja observada a melhor forma de aprender.

O professor também deve orientar o estudante a criar habilidades para melhorar a sua forma de aprender, conforme a sua capacidade e seu tempo. É importante ensinar o estudante a fazer resumos, usar tópicos, fazer mapa mental, usar tabuadas, consultar fórmulas, técnicas que auxiliam no aprendizado.

A maioria dos disléxicos tem o Quociente de Inteligência acima da média, é muito inteligente, apresentando apenas dificuldades específicas. Para êxito no aprendizado, são necessárias adaptações pedagógicas, aliadas ao trabalho dos profissionais da área da saúde e educação (professor, psicólogo, fonoaudiólogo, psicopedagogo e/ou professor de educação especial).

Espera-se que no contexto escolar o professor consiga tratar, incluir e promover o estudante para a vida. E prepare as aulas para esses estudantes com a seguinte pergunta: “De que forma o professor pode intervir para potencializar a aprendizagem do estudante com dislexia?” Um bom trabalho docente abrange a responsabilidade e afeição à profissão, pois a luta é árdua. As dificuldades no âmbito escolar estão presentes, e os desafios em incentivar e proporcionar o aprendizado estão em suas mãos. O disléxico aprende de maneira diferenciada. Para tanto, o professor precisa ser um pesquisador nato e especializar-se em diversas áreas, formas e alternativas, atualizar as suas metodologias a fim de construir o conhecimento.

Entre 2019 e 2021, no Google Acadêmico, encontram-se vários estudos que tratam sobre intervenções nas aulas de português com estudantes disléxicos dos anos finais do Ensino Fundamental, a partir da palavra-chave: **dislexia nos anos finais do Ensino**

Fundamental. Após uma breve análise dos títulos, selecionaram-se três trabalhos para compor os dados analíticos que, acredita-se, podem contribuir com o trabalho interventivo do professor de português frente aos contratemplos de estudantes disléxicos. O Quadro 2, a seguir, apresenta esses dados:

Quadro 2 - Estudos encontrados no Google Acadêmico entre 2019 a 2021

| Título do Artigo | Autor (es) | Ano | Referências |
|---|--|------------|---|
| Artigo 1: Método repetitivo para disléxicos: como diagnosticar e desenvolver habilidades de leitura em disléxicos | SILVA, André Pontes. | 2019 | SILVA, André Pontes. Método repetitivo para disléxicos: como diagnosticar e desenvolver habilidade de leitura em disléxicos. Revista Educação: Teoria e Prática, V.29, n. 61, p. 478-493, 2019. Disponível em: www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/issue/view/1104 . Acesso em: 27 de ago. 2019. |
| Artigo 2: Adaptações pedagógicas para alunos disléxicos nas aulas de Língua Portuguesa, nos anos finais do Ensino Fundamental | FIGUEIRA, Clarissa Fontenlos VENÂNCIO, Eder Nicolau Alves. | 2020 | FIGUEIRA, Clarissa Fontenlos, VENÂNCIO; Eder Nicolau Alves. Traduzir-se, Revista do Curso de Letras da FEUC, Rio de Janeiro, V. 5, n. 07, p.8-20, 2020. Disponível em: http://issuu.com/jedumagalhas/docs/revista_traduzir-se_2020_reparado_ |
| Artigo 3 Dislexia: dificuldades de aprendizagem - um olhar sobre a dislexia | MENDES, Henrique Marques Dourado; MENDES, Nilza Roque Sobrinho; SOARES, Jean Carlos. | 2021 | MENDES, Henrique Marques Dourado; MENDES, Nilza Roque Sobrinho; SOARES, Jean Carlos. Dislexia: dificuldades de aprendizagem – um olhar sobre dislexia. Recima21 - Revista Científica Multidisciplinar – ISSN 2675-6218, v. 2, n. 3, p. 337-350. 2021. Disponível em: https://doi.org/10.47820/recima21.v2i3.176 . Acesso em: 29 de abril 2021. |

Fonte: Autora (2021)

O **Artigo 1** traz as principais manifestações de bloqueio da linguagem do disléxico. Apresenta uma proposta de intervenção multissensorial, que consiste na combinação da visão, audição e o tato para auxiliar na educação básica para auxiliar na soletração das palavras e habilitar a leitura. Defende que compete ao professor transmitir a confiança e compreensão, associados com ensino adequado, acompanhamento e tratamento necessário para que o estudante entenda a razão de sua dificuldade e busque superar os desafios para o sucesso de sua aprendizagem.

No **Artigo 2**, os autores fornecem sugestões de adaptação pedagógica, como por exemplo: avaliação oral, com foco no conhecimento, desconsiderando os erros ortográficos, adaptação usada de acordo com as características de cada estudante, para ser praticada em sala de aula e promover a inclusão, com isso o professor torna-se o facilitador da aprendizagem. Os autores sugerem, também, que o profissional de educação, busque um prévio conhecimento sobre a dislexia, para tornar a convivência mais prazerosa e produtiva.

No **Artigo 3**, os autores identificam os vários níveis de aprendizagem para promover a inclusão com uso de Aprendizagem Significativa, com adaptações mais concretas.

Ao planejar, o professor, portanto, deve observar as adaptações interventivas de acordo com a necessidade particular de cada estudante disléxico. Vale ressaltar que à parceria dos pais, professores e profissionais das áreas multidisciplinares são recomendáveis para assisti-lo nas tarefas escolares em sala de aula e em casa.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo visa contribuir com orientações possíveis de ajudar os professores de Língua Portuguesa na educação dos alunos disléxicos das séries finais do Ensino Fundamental, no Brasil. Sabe-se que a aprendizagem na área da leitura, escrita e soletração é individual. Na dislexia, o tratamento é a educação; o diagnóstico é clínico composto por multiprofissionais; o entendimento é científico; e as diferenças de processamentos são pessoais. O professor é o mais apto a perceber as dificuldades apresentadas por seus estudantes. Entender o transtorno visualiza mais preparo para enfrentar os desafios no contexto escolar.

Diante de todas as constatações sobre seu histórico, definições, tipos, características e avaliação diagnóstica, percebe-se a importância de saber identificar precocemente esse distúrbio. Uma vez com o acesso ao diagnóstico, o professor pode contar com outros profissionais especializados e adaptar a sua metodologia de ensino de maneira diferenciada, para enfrentar os desafios no contexto escolar.

O procedimento de pré-diagnóstico é fundamental para a identificação dos problemas de aprendizagem. É preciso que o estudante disléxico deixe de passar despercebido em sala de aula, que o professor repense sua postura de “esperar o tempo de cada um”. A intervenção pedagógica precisa ser adaptada de forma que o professor desperte e promova mudanças em sala de aula, objetivando alcançar uma aprendizagem significativa no estudante disléxico, de forma espontânea, inclusiva e natural.

A dislexia é um desafio para o professor de Língua Portuguesa. Entender o transtorno e conhecer o seu estudante possibilita os meios de intervenção e remediação eficazes. A presente pesquisa sobre dislexia remete ao processo interventivo realizado pelo professor. O seu trabalho faz toda a diferença na vida do estudante, tanto para aprendizagem como para o convívio social. As habilidades de leitura, escrita e oralidade são possíveis de serem alcançadas, dependendo do grau de transtorno de cada um, mas para conseguir o sucesso na aprendizagem, o processo interventivo precisa ser aplicado. A aprendizagem é lenta, contínua e individual. O diferencial é o ensino adequado.

Constata-se que o professor tem muitos desafios ao realizar o trabalho interventivo com os estudantes disléxicos na e fora da escola. Precisa ser capacitado e ter conhecimento acerca da dislexia, estar amparado por metodologias de ensino, ter apoio dos pais e/ou responsáveis e da direção da escola. Para isso, ressalta-se a necessidade de publicações específicas, realizadas por fonoaudiólogos, pois, o déficit de habilidades de consciência fonológica apresenta-se como um dos principais indicadores no diagnóstico de dislexia e necessita de intervenções visando ao seu desenvolvimento.

Por fim, espera-se que este trabalho atue como estimulador interventivo para o professor de Língua Portuguesa diante dos estudantes disléxicos dos anos finais do Ensino Fundamental no cenário brasileiro e contribua para a comunidade acadêmica com os entendimentos mais precisos sobre a natureza das dificuldades dos disléxicos e as sugestões interventivas propostas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. **Como lidar com a dislexia na escola**. Webartigos, 2010. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/como-lidar-com-a-dislexia-na-escola/37938/>. Acesso em: 11 nov. 2021.

ALVES; *et al.* **Dislexia: novos temas, novas perspectivas**. Rio de Janeiro: WAK, 2013.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA. **Dislexia**. São Paulo: ABD, 2012. Disponível em: <http://www.dislexia.org.br/>. Acesso em: 12 set. 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA. **Dislexia**. São Paulo: ABD, 2016. Disponível em: <https://dislexia.org.br/>. Acesso em: 10 abr. 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA. **Compêndio de normas que regulamentam a inclusão educacional dos educandos com transtornos de aprendizagem**. São Paulo: ABD, 2017. Disponível em: <https://www.dislexia.org.br>. Acesso em: 10 out. 2021.

CAPOVILLA, A. G. S.; CAPOVILLA, F. C. **Alfabetização: método fônico**. São Paulo: Memnon Edições Científicas, 2002.

CAPOVILLA, A. G. S.; CAPOVILLA, F. C. Etiologia, avaliação e intervenção em dislexia do desenvolvimento. *In*: CAPOVILLA, F. C. (org.) **Neuropsicologia e aprendizagem: uma abordagem multidisciplinar**. São Paulo: Tecci, p. 241-247, 2002.

CARACIKI, A. M. **Pré-dislexia e dislexia**. São Paulo: Enelivros, 1994.

CATTS, H. W.; KAHMI, A. G. **Language and reading disabilities**. Boston: Allyn Bacon, 1999.

CATTS, H. W. *et al.* **Identificação precoce da dislexia**. *In*: ALVES, L. M.; MOUSINHO, R.; CAPELLINI, S. (Org). **Dislexia: novos temas, novas perspectivas**. Rio de Janeiro: Wak Editora, p. 55-70, 2011.

CONDERMARIN, M. **Dislexia: manual de leitura corretiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

CRUZ, V. **Dificuldades de aprendizagem específicas**. Lisboa: LIDEL - Edições Técnicas, Ltda, 2009.

DROUET, R. C. da R. **Distúrbios da aprendizagem**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

FIGUEIRA, C. F.; VENÂNCIO; E. N. A. Adaptações pedagógicas para alunos disléxicos nas aulas de Língua Portuguesa, nos anos finais do Ensino Fundamental. **Traduzir-se, Revista do Curso de Letras da FEUC**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 07, p. 8-20, 2020. Disponível em: http://issuu.com/jedumagalhaes/docs/revista_traduzir-se_2020_reparado_. Acesso em: 20 set. 2021.

FONSECA, V. da. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LUNCZINSKI, Z. B. **Dislexia - você sabe o que é?** Curitiba: Aurora, 2002.

MENDES, H. M. D.; MENDES, N. R. S.; SOARES, J. C. Dislexia: dificuldades de aprendizagem – um olhar sobre dislexia. **Recima21 - Revista Científica Multidisciplinar**, v. 2, n. 3, p. 337-350, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.47820/recima21.v2i3.176>. Acesso em: 29 abr. 2021.

MOOJEN, S. M. P. **A escrita ortográfica na escola e na clínica**: teoria, avaliação e tratamento. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

MOURA, O. **Dislexia... O que é?** Portal da Dislexia, 2021. Disponível em: <https://dislexia.pt>. Acesso em: 20 set. 2021.

MUSZKAT, M.; RIZZUTTI, S. **O professor e a dislexia**. São Paulo: Cortez, 2012.

NIELSEN, L. B. **Necessidades educativas especiais na sala de aula**. Porto: Porto, 1999.

ROTTA, N.; PEDROSO, F. Transtornos da linguagem escrita – dislexia. *In*: ROTTA, N.; OHLWEILER, L.; RIESGO, R. **Transtornos da aprendizagem**: abordagem neurobiológica e multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, p. 151-164, 2006.

SILVA, A. P. Método repetitivo para disléxicos: como diagnosticar e desenvolver habilidade de leitura em disléxicos. **Revista Educação: Teoria e Prática**, v. 29, n. 61, p. 478-493, 2019. Disponível em: www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/issue/view/1104. Acesso em: 27 ago. 2021.

TALOCHA, E. F. C. F. **Neurociência e processamento da leitura e escrita no cérebro do disléxico**. 2014. 60 f. Monografia (Especialização em Neurociência Pedagógica) - Universidade Cândido Mendes – Pós-Graduação Lato Sensu, AVM Faculdade Integrada, Rio de Janeiro, 2014, Disponível em: http://avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/k229371.pdf. Acesso em: 10 nov. 2021

TOPCZEWSKI, A. **Dislexia**: como lidar? São Paulo: All Print, 2011.

TORRES, R.; FERNÁNDEZ, P. **Dislexia, disortografia e disgrafia**. Amadora: McGrawHill, 2001.

VARELLA, D. **Dislexia**. 2021. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/pediatria/>. Acesso em: 18 nov. 2021.